

folha de rosto

Revista de Biblioteconomia e Ciência da Informação

Reisado de Couro: como meu avô brincava¹

Francisco Ronce Dias Coelho
Erivana D'Arc Daniel da Silva Ferreira
Gracy Kelli Martins

ARTIGO

Resumo

O reisado é uma manifestação folclórica típica do Nordeste brasileiro e sua tradição sintetiza a mistura da fé religiosa com o imaginário popular. Este trabalho objetiva o registro de como se brinca o reisado de couro, elencando todo o transcorrer dessa brincadeira, suas peças e seus personagens. O método empregado para a coleta de dados foi qualitativo fazendo uso da técnica de entrevista aberta, a partir dos relatos do Mestre de Reisado, também condecorado como Mestre da Cultura Cearense, o senhor José Aldemir Aguiar, conhecido como Mestre Aldenir. Como resultado, a partir de investigações acerca da literatura que explora o tema, extraiu-se das narrativas do Mestre Aldenir detalhes de peças e enredos e a descrição e simbologia das indumentárias. Como conclusão percebe-se as dificuldades de criação e manutenção dos grupos de Reisado de Couro, evidenciadas no desinteresse das novas gerações em aprender e manter a tradição e na ausência de políticas públicas de preservação dessa manifestação e a falta de incentivos financeiros.

Palavras-chave: Cariri Cearense. Memória Coletiva. Memória Oral. Reisado de Couro.

Leather Reissue: How Grandfather Played

Abstract

The reisado is a folkloric manifestation typical of the Brazilian Northeast and its tradition synthesizes a mixture of the religious faith with the popular imaginary. This work aims at recording as leather earring or reissue, listing all the running of this game, its pieces and its characters. The method used to collect data for qualitative make use of the technique of open interview, from Mestre de Reisado, also decorated as Master of Culture of Ceará, Mr. José Aldemir Aguiar, known as Mestre Aldenir. As a result, from investigations on the literature that explores the subject, it is extracted from the narratives of the Master Aldenir details of pieces and plots and a description and symbology of the industries. As a conclusion, one can perceive difficulties in the creation and maintenance of Leather Reisado groups, evidenced by the lack of interest of the new generations in learning and maintaining a tradition and an absence of public policies to preserve this manifestation and a lack of financial incentives.

Keywords: Cariri Cearense. Collective Memory. Oral Memory. Leather Reissue.

1 Introdução

O reisado é uma manifestação folclórica típica do Nordeste brasileiro e sua tradição sintetiza a mistura da fé religiosa com o imaginário popular. O sertão do Cariri é um celeiro de Mestres e Grupos de reisado e, em especial no período dos festejos de dia de reis (feriado religioso), realizam inúmeras apresentações que encantam os caririenses, turistas e romeiros vindos de todo o Brasil. O Reisado “é típico do sertão do gado e tematiza as relações entre o fazendeiro (o Patrão) e seus moradores (os Caretas), tendo como ponto culminante a morte e a ressurreição do boi” (BARROSO, 2008, p. 13).

Há a diversidade de grupos de reisado no Cariri que, no entanto, possuem diferentes nomes e concepções como: Reisado de Congo (com maior predominância), Reisados de Caretas ou de Couro e Reisado de Baile (BARROSO, 2008). Entre estes

¹ Trabalho premiado no GT 6: Informação, Memória e Patrimônio, durante a VIII Semana Acadêmica de Biblioteconomia (SEABI) de 2016.

encontra-se o Reisado de Couro, uma modalidade de reisado bem típica da região, que encanta pela simplicidade e criatividade dos brincantes. O nome Reisado de Couro está diretamente relacionado à presença do destemido homem do sertão, o vaqueiro nordestino, que tinha como principal labor e diversão, o gado. Originalmente o local destinado para as brincadeiras eram praças e principalmente os terreiros das fazendas. Depois passou a fazer parte de festas populares e religiosas, como por exemplo, a festa de Santo Antônio, na cidade de Barbalha. Especialmente no mês do folclore, mês de agosto no Brasil, os grupos são convidados a se apresentarem nas praças públicas em eventos comemorativos.

O Reisado de Couro é composto por elementos como o Babau, a burrinha, o boi careta, o urubu e o Jaraguá. E tem como integrantes Caretas, a Velha, a filha da velha e os Tocadores de sanfona, triângulo e bumba (AMORIM, 2008). Amorim (2008) explica que a origem do Reisado de Couro, “está baseada nas brincadeiras sertanejas, nos terreiros das fazendas, tendo sido iniciada no ciclo do couro, aqui no Nordeste, onde a figura principal é o boi [...], acompanhado dos caretas, com máscaras de couro que simbolizavam o nosso vaqueiro” (AMORIM, 2008, p. 13).

Os Caretas são “assim chamados por usarem uma máscara tradicionalmente feita de couro (porém na atualidade, mais frequentemente de tecido ou outros materiais)” (BARROSO, 2008, p. 13). Os personagens secundários, também denominados entremeios, o Boi e a Burrinha, são obrigatórios porque são animais presentes no presépio, durante a visita dos Reis Magos. Segundo o entendimento de brincantes, os demais bichos (entremeios) não são obrigatórios (BARROSO, 2008). O grupo é composto também pelo casal de Velho e Velha caretas, com quatro filhos nomeados pela profissão que exercem ou pelo lugar que ocupa na família (o Careta Vaqueiro, o Careta Megarefe, o Careta Poeta e o Careta Caçula). Sobre os entremeios, Barroso (2008), verifica nas tradições do Cariri a presença do Babau, do Bacural, da Caipora, da Cauã ou Pua, do Folharal, do Jaraguá, do Mané Pequeno, do Pai Tomé, do Urubú e da Bandeira.

Percebe-se a redução muito grande do número de grupos e de apresentações deste tipo de reisado que se encontram em processo de esquecimento na memória da maioria da população carirense, principalmente da geração atual. Este trabalho objetiva mostrar a forma espontânea como era o brincar do Reisado de Couro que está entrando em processo de extinção e precisa ser registrado e documentado antes que saia do cotidiano e do imaginário popular. A pedra basilar deste trabalho é a memória oral de José Aldemir Aguiar, conhecido por Mestre Aldemir, que a partir de conversas e entrevista relatou e descreveu a brincadeira e suas características.

Consideramos a hipótese de que a tradição tem perdido espaço dentro da memória coletiva tendo em vista que o Reisado de Couro tem poucos mecanismos de preservação e fomento por parte de políticas públicas.

2 Procedimentos Metodológicos

Com o objetivo de descrever uma manifestação da cultura popular brasileira denominada Reisado de Couro, que já foi muito brincada na região do Cariri Cearense, o método empregado para a coleta de dados foi qualitativo usando técnica da entrevista aberta. Segundo Oliveira (2008), este método “adota uma orientação que aceita o comportamento humano como sendo resultado de forças, fatores, estruturas internas e externas que atuam sobre as pessoas, gerando determinados resultados” (OLIVEIRA, 2008, p. 2). Nesse caso, a coleta parte da narrativa oral, através dos relatos de memória de um mestre de Reisado, José Aldemir Aguiar. A escolha deste ícone se dá pela sua longa atuação no fomento desta tradição, detendo os títulos honoríficos de Mestre do saber e das artes do povo do Cariri e Mestre da Cultura tradicional popular do estado do Ceará, além de ser tutor da primeira escola de Reisado do Ceará, que leva seu nome: Centro de formação e apoio ao Reisado e tradições populares Mestre Aldemir.

Foram realizadas duas visitas à casa do Mestre Aldemir, no qual, a primeira no dia oito de agosto de dois mil e dezesseis, para nos apresentarmos e fazermos apresentação do projeto de documentar a história do Reisado de Couro, através da experiência vivida por ele como Mestre de Reisado, na qual o mesmo aceitou de pronto (a proposta foi gravada em áudio). E, uma segunda visita que ficara marcada para o dia treze do mesmo mês, para efetivar a entrevista propriamente dita que também foi gravada em áudio na íntegra. Após as entrevistas os áudios foram transcritos de forma semi literal, fazendo algumas adaptações da oralidade para a escrita, sem levar em consideração toda a gestualidade da oralidade do entrevistado para que a narração pudesse ganhar uma descrição mais condizente com o mundo das letras, sem perder a originalidade da

história de como o reisado era brincado. Os trechos das transcrições encontram-se em fonte itálica para melhor compreensão e representação das falas no texto.

3 Trajetória do Mestre Aldemir no Reisado de Couro

O Mestre Aldemir é uma figura de grande representatividade para a cultura da região e do estado do Ceará. É portador do título Mestre da Cultura cearense, e foi condecorado pelo Governo do Estado do Ceará, através da Secretária de Cultura, por meio desse título que reconhece a importância que ele (assim como outros mestres contemplados) possuem na preservação da memória social da região, como também do patrimônio da cultura imaterial que adquiriram através das tradições familiares de mais de um século de história (MARINHO; CHACON, 2011).

É do conhecimento de todos que o Mestre Aldemir é uma das referências em Reisado de Congo no Cariri, no entanto, poucas pessoas sabem da sua passagem pelo Reisado de Couro. A partir da entrevista realizada e gravada em áudio, ele explica como foi seu aprendizado e experiência e sua aproximação com o Reisado de Couro.

O Mestre conta que quando era criança, com idade entre sete a doze anos, via o seu avô brincar reisado com amigos. Relembrando nomes, registra os participantes da brincadeira na época: *“o finado Zé de Rita, o finado Pedro Eugênio, e o finado Mané Eugênio, filho do irmão do Finado Pedro Eugênio”*. Continuando, o Mestre Aldemir relata que via eles nessa brincadeira no terreiro da casa do Finado Antônio Gregório, seu tio, no Sítio Saquinho. Suas lembranças recordam o período de final da moagem da cana que na época, representando uma celebração, tinha muita gente que aparecia para assistir a brincadeira.

O Mestre Aldemir elenca o grupo, na seguinte composição: três caretas, o tocador que trazia sanfona, mais uma quinta personagem (um rapaz para “sair” de entremeios). Os Entremeios eram: o Boi, o Pai Tumé, a Caipora (não recordando como era o traje), e o Babau (que era um cavalo). Especificando, Aldemir ressalta que: *“o boi era muito diferente dessas brincadeiras que nós fazemos hoje. A peça do boi que era cantada - “Pastorim ô mana [...]” - é a mesma que estamos cantando hoje, a partilha do boi é a mesma que faço hoje, só que não fazemos tudo, relatando: ele partia o boi todo, a cabaça do boi, a orelha do boi, o focinho do boi, partia a testa do boi, o chifre do boi, ele partia todas as partes do boi, cantando”*.

Ao longo do relato, o Mestre Aldemir, enfatiza que com a morte do seu avô, Zé de Pimpa, o grupo esvaneceu, e entre esses relatos, relembra que o mesmo era: *“um careta muito gaiato, um careta bem “infiota”, muito palhaço mesmo”*. Lembra que outros também se mostraram engraçados e muito bons, como Pedro Eugênio e Mané Eugênio.

Reportando-se aos lugares onde o grupo apresentava suas brincadeiras, o entrevistado registra: *“a usina de açúcar que tinha lá, na casa do doutor Teles, ali na lagoa encantada, hoje só tem as ruínas do engenho que você vê do lado da estrada, quando vem a minha casa (Vila Esperança)”*. Relembrando da infância, o mestre Aldemir diz que quando tinha com quem ir, assistia as apresentações e entre suas lembranças remonta os lugares onde ocorriam: *“Brincavam na casa do finado Antônio Pinheiro lá no Sítio Paú, na casa do finado Júlio Bezerra que era tio de Aduino Bezerra, brincaram na casa do finado Alfredo”*. Enfatiza que geralmente eles brincavam na casa das pessoas que eram fazendeiros.

No decorrer da entrevista o Mestre conta um pouco da sua história e da proximidade com o reisado. Expõe que passado o tempo e depois de casado foi morar na casa do sogro, Pedro Eugênio, durante trinta anos, e nesse intervalo afirma que: *“[...]aprendi muita coisa sobre o reisado, quando eu conseguia decorar as peças, depois eu repetia de mim para mim, e as que não conseguia decorar eu deixava para lá”*. Continuando, ele relata que queria saber mais sobre o Reisado de Couro, perguntava ao sogro como era o Reisado e ouvia do mesmo que não tinha muito segredo, só bastava os Caretas *“alterar o timbre da fala”*³.

Digno de uma memória cheia de detalhes e nomes, nos conta que passados alguns anos, visita a sua casa um professor de Juazeiro do Norte, Valter Barbosa, que apoiou o reisado: *“Valter é irmão de Geraldo Barbosa, aquele, residente na Rua Padre*

² A peça completa estará registrada no capítulo 4, Reisado de Couro: como brincar.

³ Durante a brincadeira os caretas usam máscaras e mudam o timbre da voz para não serem identificados.

Cícero, entre a praça e a igreja Nossa Senhora das Dores em Juazeiro do Norte. Explicando diz que quando o professor queria algo, chamava-o, e com isso fizera muitas viagens para Fortaleza. Em detalhes Mestre Aldemir enfatiza: *“Valter me chamou na sua casa e me fez a proposta para eu fazer um grupo de Reisado de Couro (devia ser mais ou menos entre os anos de sessenta a sessenta e dois). Tinha a quadra de João Cornélio, em Juazeiro do Norte, lá perto da Matriz, e ele fez um festival de cultura lá, nesse tempo nem se falava muito em cultura, se falava mais era em folclore ou festival de folclore. A forma que Valter me pediu foi assim “Aldemir eu queria que você ajeitasse um Reisado de Couro”. Eu respondi: rapaz um Reisado de Couro é muito fácil, o meu sogro brincou muito o Reisado de Couro, eu posso pegar uma orientação com ele e fazer. O Valter pediu para que eu visse o que dava para fazer”*.

Para atender o que solicitou Valter Barbosa, Mestre Aldemir diz que começa buscando com por contatos e possíveis parceiros para montar um grupo de Reisado de Couro: *“Chamei o finado Chico Leite, que era um vaqueiro antigo do capitão Ariovaldo Carvalho, que rodou muito em cima da serra, ele era um Mateus dos bons, ele tinha uma paixão muito grande pelo reisado. Falei para seu Chico que Valter tinha pedido para organizar um grupo de Reisado de Couro. Seu Chico respondeu que já tinha visto Reisado de Couro e até já tinha brincado, topou a proposta”*.

Continuando para a composição do grupo, o Mestre Aldemir diz que convidou além de Chico Leite, Dão de Mocinha, e Nequinho, destacando que esta última pessoa ainda está viva, para contar essa história e que todos três eram Mateus⁴ e eles tinham uma qualidade singular, que era de conseguirem mudar a fala. *“Ensaíamos. Chico Leite me falou como era o Babau: “o babau é uma cabeça de animal, metida no pau, uma pessoa montada em cima, uma folha de coqueiro atrás (representando um rabo, do babau), um chocalho grande amarrado no pescoço do pau, o babau ainda bate a queixada trec, trec. O Babau corre atrás do povo, (as pessoas eram muito ingênuas, muitas tinham medo), corria atrás dos caretas, os caretas caíam pelo chão, coisa e tal, tal e coisa. Depois entrava a burrinha que também é do Reisado de Couro”*.

Dando continuidade à descrição, o mestre citou um trecho da peça cantada durante a brincadeira: *“A burrinha do meu ouro, tem um buraco no couro, o rato que roeu pensando que era beijú⁵”. Eram os caretas que cantavam essa peça. Era uma gozação feita pelos caretas. Cantavam outra peça “a burrinha do meu homem come palha de arroz, ‘arremedio’ que essa burra que não pode com ‘nois’ dois⁶”*. Neste momento, o entrevistado informa que já não consegue mais lembrar do resto da peça, por fazer tempo que não a entoava.

O Reisado de Couro influenciou o Reisado de Congo, como menciona o mestre Aldemir. Este reconhece que mesmo com semelhanças os reisados são diferentes. Pela concepção do Mestre Aldemir os personagens que compõe o Reisado de Couro são: Três Caretas, um Tocador e a pessoa que apresenta os entremeios. Os entremeios mais conhecidos neste reisado são: O Boi, o Babau, e a Caipora.

Dando continuidade à narrativa de suas lembranças, relata que para um dos ensaios do Reisado de Couro, Valter Barbosa foi assistir, por volta de sete horas da noite da data agendada. O mestre Aldemir destaca que *“Ele ficou encantado, bateu palmas, disse “muito bem, muito bem, o reisado está bacana, vamos levar para a quadra João Cornélio”*.

Na ocasião, relata Aldemir, que ainda faltavam as vestimentas, o couro (que eram os gibões), e diz que Valter perguntou se não tinha como ser conseguido. *“Eu respondi que quem tinha gibão era as pessoas donas de Engenho, quem tinha fazenda no Pernambuco, quem labora com gado, eu sei aonde tem, mas não sei se eles arranjam”*. O professor então solicita que o Mestre Aldemir arranjasse. Preocupado, na busca destas vestimentas, ele relata como as conseguiu: *“Eu vim justamente para a Lagoa Encantada, por dentro do brejo, montado em um animal. Quando cheguei o dono do engenho estava lá, o doutor Ermano, falei da roupa a ele, ele disse: “Aldemir é o seguinte, eu não delego nada de roupa, as roupas que tem aí, quem manda nelas é os vaqueiros, você procure eles, se eles lhe arranjam, não me incomode não”. Fui procurar ‘o caba’ lá chamado... [pausa], esqueci o nome dele. Quando encontrei ele e falei das roupas emprestadas, ele disse “ô rapaiz, as roupas*

⁴ Personagem característico do Reisado de Congo.

⁵ Peça cantada usada no Entremeio da Burrinha.

⁶ Peça cantada pelo Careta.

estão aí e não vou precisar delas essa semana não, se quiser levar, leve". Peguei três roupas surradas (surrada é velha), eu trouxe essas roupas".

Dessa forma o mestre Aldemir finaliza a sua história com o Reisado de Couro. Sua trajetória foi curta, assistiu apresentações quando criança, que ele reuniu um grupo, treinou, ensaiou e deu as diretrizes, supervisionado de vez em quando pelo Pedro Eugênio, mas que não brincou este tipo de reisado. E que não continuaram porque os caretas faleceram quase todos (não explica como ou o tempo), só resta Netinho Barraqueiro que mora no Muriti. Na fala do Mestre esse reisado tem mais prestígio do que o reisado de congo, porque o grupo é formado por poucas pessoas, são pessoas adultas. Enfim, o Mestre Aldemir relata que só não já fez um Reisado de Couro porque ele não consegue encontrar pessoas que alterem a fala para compor os personagens.

Outra consideração feita pelo Mestre Aldemir é que já ouviu falar de outros reisados de couro e que chegou a ver uma apresentação no Encontro dos Mestres do Mundo, na cidade do Crato, também na região do Cariri. O grupo veio de Barbalha, mas o que ele viu lá foi muito diferente do que ele assistiu quando criança e que chegou a organizar já adulto. Como por exemplo, achou as falas diferentes e cada coisa tinha um aboio⁷. Ele estranhou muito, mas não foi questionar nada, porque na visão do mestre Aldemir o Reisado de Couro que ele viu não é um reisado original e que o reisado original é esse descrito por ele.

Para o Mestre Aldemir o que representa a originalidade do Reisado de Couro, descrito por ele, se difere dos Reisados atuais, pois tem como referência aquele que ele viu na infância. Considerando as afirmações do Mestre, chega-se a uma questão de concepção, que remete a outros questionamentos diferentes dos objetivos aqui propostos, mas que vale destacar pela importância em resguardar os elementos das narrativas orais, tendo em vista que é parte da memória que é "a base construtora de identidades e solidificadora de consciências individuais e coletivas" (DELGADO, 2010, p. 38).

Barroso (2008, p 14.) justifica a concepção de originalidade do Reisado de Couro, defendida pelo Mestre Aldemir, na seguinte sentença: "Ao abordar os brincantes sobre a origem do Reisado, segundo eles está na sua origem, ou seja, tiram o significado pela origem. Mas em vez de colocar esta origem na história, colocam-na em um tempo mítico, em um tempo divino".

Continua ele ancorado nos antropólogos Leví-Strauss e Mircea Eliade: "no âmbito das festas religiosas, se instala o Tempo e Espaço primordial, onde cada ser ou acontecimento ocupa um lugar determinado e funda-se na origem das obras divinas" (BARROSO, 2008, p 14.).

Quando um brincante explica que uma brincadeira é como é, ou então, porque vem do começo do mundo, ele está explicando como as coisas começaram e como são representadas e reconhecidas pela tradição do seu grupo. Barroso (2008) descreve que os vários tipos de reisado têm seus significados explicados por fatos que ocorreram por ocasião de seu ato fundador, o nascimento de Cristo, visto pelos brincantes como o começo de um novo mundo, o início da era atual. É justamente o que ocorre com o Mestre Aldemir, a forma de brincar o Reisado de Couro descrita e defendida por ele, de ser autêntica e original, está baseada nas primeiras apresentações que ele viu e que também justificada por ser ele um católico ferrenho, que acredita que tudo existe desde o começo do mundo, e esse começo do mundo é o nascimento do Menino Jesus.

4 Reisado de Couro: Como Brincar

Para o Mestre Aldemir a composição de um grupo é geralmente: "Três Caretas, um Tocador, e pela pessoa que apresenta os entremeios". Os entremeios mais conhecidos neste reisado são: "O Boi, o Babau, e a Caipora".

⁷ Aboio é um canto típico do Nordeste brasileiro e consiste em uma entonação de sons sem palavras, cantado pelos vaqueiros quando conduzem o gado pelas pastagens ou para o curral.

O Babau é um bicho montado num pau enfolharado de palha de coqueiro na parte de trás, (a cabeça dele é um crânio de um animal, como por exemplo a cabeça de um cachorro), tem um chocalho de gado. O Babau sai fazendo brincadeiras e estripulias atrás dos Caretas.

O entremeio mais característico é o boi, “O ponto culminante do Reisado é a matança do Boi e a relação entre os brincantes e o boi, [...] a matança do Boi é o enredo de toda a história do reisado, feita em versos de improviso de caráter engraçado” (BARROSO, 2008, p. 15).

Descritos os personagens, chega-se à narrativa da brincadeira do Reisado de Couro, descrita pelo Mestre Aldemir, a brincadeira segue da seguinte forma: *“Ficam dois caretas do lado de fora de uma casa, entra um dos caretas para onde está o boi, que nesse momento está escondido do público, (embaixo do boneco do boi tem uma pessoa). O Careta que está do lado de fora (da casa) canta as seguintes peças:*

[1ª peça]

Pastorim ô maná,
Pastoreio ô maná,
O que faz lá dentro?
O que faz lá dentro?”.

O Careta que está lá com o boi responde, bem entoadado.

“Tô fazendo doce,
Tô fazendo doce,
pra meu casamento,
pra meu casamento”.

Vem o segundo momento:

[2ª peça (quem canta é o careta que está do lado de fora)]:

Pastorim ô maná,
Pastorim ô maná,
O que é que faz na sala?
O que é que faz na sala?”

O careta que está dentro de casa responde:

“Pastorando gado,
que vem de viçosa!
Pastorando gado,
que vem de viçosa!

Por fim o terceiro momento: O boi chegou do lado de fora.

[3ª peça (O careta que já estava lá fora canta a peça)]:

Pastorin ô mana,
Pastorim ô mana,
O que é que faz aqui?

O Boi responde:

Pastorando gado,
Pastorando gado,
que veio pro jiqui,
que veio pro jiqui”.

Após entoar as peças, o Mestre continua relatando a brincadeira: “Os caretas vão brincar com o boi, que sai dando chifradas. O boi se joga no chão e levanta, faz muita graça. Os caretas decidem matar o boi. A maneira que eles simulam a matança do boi é dando cacetadas no cachaço do boi, várias vezes até que o boi cai no chão. Depois de matarem o boi, os caretas se arrependem, começam a questionar, para que matamos o boi? Fica uma confusão entre os caretas. Um dos Caretas diz que tem quem receite o boi. Nesse momento, no meio do terreiro está só o traje do boi. O rapaz que faz o papel do boi, já está dentro de casa, vestido de roupa branca, com uma maleta a tiracolo (parecendo com um médico), chega onde boi está morto. Um dos Caretas pergunta “e quem é esse aqui?”. O outro careta responde “é o cara que veio receitar o boi”. O cara de branco vai examinar o boi, que está imóvel, morto lá no chão no centro do grupo. Quando o médico termina de examinar, o médico diz, “esse aqui está bom de comer”. O rapaz de branco volta ligeiro para dentro de casa, veste outra roupa preta, com bico, é o Urubu, que veio comer o boi. O urubu tem suas preferências de onde comer primeiro, começa comendo os olhos do boi (faz o gesto de quem está furando os olhos do boi). Depois vai para detrás do boi (geralmente o urubu gosta de comer as partes mais macias, primeiro os olhos e depois o fundo do boi). Quando dá uma bicada no fundo do boi, o urubu puxa uma fita, e sai passando pelas pessoas (essa fita que é passada pelas pessoas, significa que está vendendo o boi). Logo depois os caretas vão simular que estão partindo o boi, pedacinho, por pedacinho para o povo, cada pedacinho que vai para cada pessoa, é uma gorjeta que tem que cair para o grupo de Reisado de Couro. No final da brincadeira um dos caretas fazem uma reza [o Mestre Aldemir já não consegue lembrar qual é a reza, em virtude de já fazer um tempo que assistiu ou que participou de um grupo desse tipo de reisado] e cantam uma ladainha entoada como o vaqueiro aboia [que o Mestre também diz não lembrar mais]. O boi começa a renascer, se sacudindo, meio tonto, consegue se equilibrar, e vai embora (para dentro de casa). Quando o boi entra na casa, sai a caipora. Ela é um entremeio desse tipo de reisado. Ela é representada por um rapaz, vestido de roupa de mulher. A Caipora também faz um bocado de brincadeiras e graças. Depois que a caipora sai, vem a despedida do grupo. Primeiro começando com os agradecimentos ao dono da casa, depois com as pessoas presentes no terreiro. Terminada a brincadeira o grupo vai comer, vai beber. Enfim essa é a brincadeira do Reisado de Couro. Bem mais simples, mais curta, do que a do reisado de congo, porém bem animada e divertida.

O Mestre conclui seu relato com muita satisfação. Explica que há partes das peças que não consegue lembrar de imediato, tendo em vista que faz tempo que não pratica mais. Partindo dessas constatações do Mestre, podemos destacar a importância do registro dessas tradições que circulam oralmente e já não são os principais atrativos das juventudes atuais. O registro dessas tradições garantirá a preservação da cultura, dos elementos identitários e de memória coletiva do sertão nordestino.

5 Considerações Finais

Acredita-se que este trabalho cumpriu com seu objetivo inicial de discutir a importância de registrar tradições populares como o Reisado de Couro por meio da descrição dos seus principais personagens, os entremeios, as peças e o histórico com base na memória oral do Mestre Aldemir, permitindo um resgate da forma de brincar do Reisado de Couro.

Ao longo dos registros nota-se que as dificuldades enfrentadas pelos participantes do Reisado de Couro, como vestimentas, manipulação de timbre vocal e outros fatores fizeram com que a cultura fosse se fragmentando, ponto que o próprio Mestre Aldemir enfatiza, pela idade avançada (83 anos), quando afirma que está esquecendo de algumas rezas, estrofes e versos das peças.

Para descrição deste trabalho também foi possível identificar a escassez de literaturas sobre o assunto e o próprio desconhecimento por parte de grupos, tanto universitário como comunitário, deste tipo de manifestação folclórica. Não foi nosso objetivo neste trabalho mapear, citar grupos ou as localidades onde ainda existam estes tipos do Reisado de Couro no Cariri ou no Brasil e nem suas variações, mas, proporcionar um olhar particularizado para as tradições culturais, quer sejam regionais ou nacionais, pautado na importância dos registros para constituição da memória.

Por fim, apesar dos contratempos da continuidade do Reisado de Couro, nas palavras do Mestre Aldemir ainda pode-se perceber que o mesmo guarda esperança da montagem de um grupo para a brincadeira do Reisado de Couro nos moldes que conheceu. As representações possíveis de memória são evidenciadas nos relatos do Mestre e em seu esforço para manter viva a lembrança de uma tradição que conta a sua história e a história de seu povo. Nessa perspectiva espera-se que esse trabalho, mesmo dentro de suas limitações, possibilite e desperte outras pesquisas e a criação de políticas públicas voltadas para a preservação de tradições que ecoam pelo sertão nordestino nas vozes de quem luta e busca manter vivas essas tradições.

Referências

AGUIAR, José Aldemir. Entrevista com o Mestre José Aldemir Aguiar. Crato, 2016. [comunicação verbal].

AMORIM, Goretti. **Reisado de Couro**. Texto retirado do material enviado ao Selo Unicef 2008. Disponível em: <<http://www2.ifce.edu.br/miraira/Patrimonio/FolquedosBailados/Reisado/Barbalha%20-%20Reisado%20de%20couro.pdf>>. Disponível em: 24 ago. 2016.

BARROSO, Osvaldo. Reisado: um patrimônio da Humanidade. Juazeiro do Norte: Banco do Nordeste, **Programa Tradição Cultural**, 2008. Disponível em: <http://www2.ifce.edu.br/miraira/Patrimonio/FolquedosBailados/Reisado/Barbalha%20-%20Reisado,%20um%20patrimonio%20da%20humanidade.pdf> Acesso em: 24 ago. 2016.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História oral**: memória, tempo, identidades. Belo Horizonte: Autentica, 2010.

MARINHO, Rosana Pereira; CHACON, Suely Salgueiro. A memória social como ferramenta de criação do patrimônio cultural: o caso do cariri cearense. In: XIV ENCONTRO REGIONAL DE ESTUDANTES DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO, CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E GESTÃO DA INFORMAÇÃO. 2011. Maranhão. Anais eletrônicos: São Luis: UFMA, 2011. Disponível em: <<http://rabci.org/rabci/node/160>> Acesso em: 26 ago. 2016.

OLIVEIRA, Cristiano Lessa de. Um apanhado teórico-conceitual sobre a pesquisa Qualitativa: tipos, técnicas e características. **Travessias**, 4 ed.v 2 n 3 . p 1-16, 2008. Disponível em: http://www.unioeste.br/prppg/mestrados/letras/revistas/travessias/ed_004/artigos/educacao/pdfs/UM%20APANHADO%20TE%20D3RICO-CONCEITUAL.pdf Acesso em: 26 ago. 2016.

Dados dos autores

Francisco Ronce Dias Coelho

Especialista em Gestão Escolar, pela Faculdade Evangélica Cristo Rei (FECR); Graduado em Geografia, pela Faculdade de Formação de Professores de Araripina (FAFOPA); Graduando em Biblioteconomia, pela Universidade Federal do Cariri (UFCA). Bolsista do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE) Campus de Juazeiro do Norte.

fd97054@gmail.com

Link para o lattes: <http://lattes.cnpq.br/5709814144599127>

Erivana D'Arc Daniel da Silva Ferreira

Especialista em Prática Docente do Ensino Superior, pela Faculdades Integradas de Patos (FIP); Graduada em Biblioteconomia, pela Universidade Federal do Ceará (UFC/Campus Cariri). Assistente em Administração no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE) Campus Juazeiro do Norte.

erivanadarc@gmail.com

Link para o lattes: <http://lattes.cnpq.br/4540882271607192>

Gracy Kelli Martins

Professora Adjunta do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Cariri (UFCA); Doutora em Ciência da Informação, pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" - Campus de Marília (UNESP); Mestre em Ciência da Informação, pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB); Bacharel em Biblioteconomia, pela Universidade Federal do Pernambuco (UFPE).

gracy.martins@ufca.edu.br

Link para o lattes: <http://lattes.cnpq.br/7431498333122929>



Centro de Ciências Sociais Aplicadas
Curso de Biblioteconomia

Este periódico é uma publicação do Curso de Biblioteconomia da [Universidade Federal do Cariri](http://www.ufca.edu.br) em formato digital e periodicidade semestral.